

PARA UMA ESTÉTICA DOS BASTIDORES¹

SÔNIA MARIA VAN DIJCK LIMA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Criação em processo. *Ensaio de crítica genética*, organizado por Roberto Zular, é a primeira antologia de crítica genética no Brasil. Trata-se de uma publicação oportuna entre nós: textos que apresentam metodologias, consolidam conceitos e princípios de investigação, e trazem estudos e reflexões sedimentados em longa experiência de pesquisa dos autores.

O material publicado é assinado pelos pesquisadores do ITEM-CNRS, matriz da formulação de crítica genética, e de dois centros de estudos brasileiros: USP e PUCSP; a única contribuição de fora é a tradução do texto de Louis Hay, que foi um dos exercícios do projeto “Ateliê de José Lins do Rego”, da UFPB, cuja primeira versão foi publicada em periódico

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda “Criação em processo”, que discutiu o livro Zular, R. (org.), *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras, 2002.

daquela Universidade. Portanto, o livro representa os rumos da pesquisa em crítica genética na França e em São Paulo: ITEM, USP e PUCSP.

Sem pretensão de ser exaustiva, tomarei apenas alguns momentos da publicação, para sublinhar um e outro aspecto que me tenham parecido pertinentes, não significando, porém, que outros tantos não mereçam destaque. Minha leitura pode ter deixado escapar alguma consideração importante.

O primeiro ensaio “O texto não existe” (Louis Hay), estabelece o princípio que norteia a investigação da gênese do discurso:

Talvez seja preciso tentar pensar o texto como um possível necessário, como uma das realizações de um processo que permanece sempre virtualmente presente em segundo plano e constitui uma terceira dimensão do escrito (p. 44).

Telê Ancona Lopez, íntima dos labirintos da biblioteca e do arquivo de Mário de Andrade, extrai de sua vivência com testemunhos documentais situações que estão na base das investigações da crítica genética. Com segurança, mostra como a marginalia de uma biblioteca particular e anotações de variada natureza, em um arquivo privado, guardam os traços da gênese de um discurso. Isso me leva a falar do capítulo assinado por Almuth Grésillon, no qual está ressaltada a *paciência*, como atitude fundamental do pesquisador. Eu acrescentaria a *argúcia*: paciência para a garimpagem no acervo do autor que estuda; e argúcia para reconhecer, no meio do caos de informações, que teimam em ficar em silêncio, esperando desvendamento, aqueles documentos que iluminam esta ou aquela fase do processo de composição. Investido de paciência e de argúcia Philippe Willemart reconheceu, entre anotações de Flaubert, uma escrita da história do povo judeu,

que, apesar de afastada no curso da elaboração do texto entregue ao leitor, esclarece comportamentos das personagens do conto “Hérodias”, auxiliando a interpretação crítica.

Disciplina relativamente nova, se comparada com outras de nossa área de formação, como a crítica literária, a teoria literária, a lingüística ou a filologia, a crítica genética tem suas linhas históricas traçadas tanto por Grésillon como por Jean-Louis Lebrave, guiando o leitor e o pesquisador no que concerne às relações entre os estudos genéticos e os estudos filológicos. Grésillon formula uma pergunta, que entre os pesquisadores do Brasil já deveria ter tomado a forma escolhida pela autora: *“é apropriado aplicar aos prototextos os métodos da crítica textual mesmo que evidentemente tudo no manuscrito traga as marcas de uma total alteridade em relação ao texto?”* Responde Grésillon imediatamente:

Onde a forma do texto manifesta uma estrutura acabada e uma versão única, consagrada por uma edição canônica, o prototexto, pela espessura das reescritas, revela-se radicalmente incompatível com uma representação textual de duas dimensões (p. 161).

Fazendo eco à lição de Hay, lembra a autora que *“a importância atribuída aos prototextos vem minar a auctoritas do texto, já que ele se encontra relegado ao estatuto de um estado entre outros”* (p. 161). No texto de Lebrave, encontramos observações semelhantes a essa de Grésillon, citada acima. Para o autor, a filologia, *“enquanto disciplina de erudição, ela não dispõe das ferramentas conceituais que lhe permitiriam desenvolver um ramo como a ‘crítica genética”* (p. 143); e acrescenta: *“A filologia é ciência de textos, isto é, de escritos públicos, manuscritos ou não, e enquanto tal não pode ser a ciência dos documentos de gênese, que são escritos não-públicos”* (p. 143-144). Bem sei que a lucidez da observação

de Lebrave não será suficiente para extinguir o debate entre filólogos e geneticistas; e até mesmo entre geneticistas e estudiosos que conservam práticas da crítica literária e querem encontrar na metalinguagem de obras publicadas traços da gênese do discurso, esquecendo-se de que importa investigar a construção da própria expressão metalingüística, conservada nos documentos privados; fazer o quê?...

Que não se pense que a crítica genética está se propondo ao isolamento, ao afastamento de outras áreas de estudos ou de atuação cultural, científica, artística. Lá estão os ensaios assinados por Pierre-Marc de Biasi e por Daniel Ferrer, argumentando o caráter transdisciplinar da crítica genética, isso para não falarmos do texto de Cecilia Almeida Salles, que, na PUCSP, desenvolve pesquisas que percorrem as veredas da criação em várias manifestações; por isso mesmo, Salles prefere falar em documentos de processo, ampliando as noções de manuscrito e de prototexto.

Os ensaios reunidos no livro confirmam o estudo do provisório, do inacabado, da hesitação. Como diz Grésillon: *“a leitura do manuscrito é necessariamente quebrada pelas intervenções interlineares e marginais, pelos retornos e todos os tipos de outros sinais gráficos que impõem ao leitor uma navegação com olhos atentos”* (p. 161). E isso contribui para marcar a especificidade da crítica genética, particularmente em relação à filologia, desde que fique claro que *“Se nos interessamos pelos manuscritos das obras, é porque há uma relação a estabelecer entre prototexto e texto e porque, eventualmente, o estudo de um virá enriquecer o conhecimento do outro”* (p. 161), ainda citando Grésillon; e como diz De Biasi: *“A abordagem genética caracteriza-se por uma valorização dos modos de elaboração do texto em detrimento, e mesmo estabelecendo um questionamento, da autoridade do texto”* (p. 221).

Marginália, anotações conservadas em arquivos, diários pessoais, manuscritos, prototexto, documentos de processo:

objetos de interesse da crítica genética, que a princípio não estavam destinados ao olhar público. A crítica genética abre os baús de guardados, entra nos bastidores da criação. Os autores falam de criação, seja de uma composição artística (literária ou que use outro código) ou científica, como movimento, como processo, como demanda da otimização do texto, artístico ou não, a ser oferecido ao público. Criação como trabalho e busca, eis o que se comprova em cada ensaio. A criação, para Ferrer, é “*uma série de sacrifícios custosos, de compromisso, de reequilíbrio e de transações compensatórias*” (p. 216), em sua origem. Por isso mesmo, afirma De Biasi:

O proto-texto (sic) deixa transparecer uma imagem móvel, muito mais hipotética e por vezes mais rica, daquilo que o texto publicado oferecerá à leitura como sendo sua verdade, após várias modificações (p. 221).

Participante dessa mesma concepção, Willemart assegura que:

A cada rasura, a escritura literária surge, o que acarreta o abandono total da crítica biográfica ou da psicobiografia, tão cara a muitos psicanalistas. Embora pareça que a cada supressão ou acréscimo, o escritor expõe suas pulsões, sua vida pessoal, seus problemas, sua estrutura psíquica, suas intenções primeiras, o estudo do manuscrito mostra que quando ele inicia o processo de escritura, persegue, ou melhor, é perseguido pelo que chamei um “primeiro texto” (p. 74-75).

Importante esclarecimento vem de Grésillon:

A crítica genética não fornece automaticamente parâmetros de literariedade, critérios de avaliação: até o presente ela não revelou obra-prima desconhecida, não contestou o que a instituição literária havia

consagrado ou rejeitado; bem ao contrário, ela só se dedica – reprovação ouvida com freqüência – aos valores seguros dos “grandes autores”. No entanto, sua capacidade de intervenção existe: ela passa por uma reflexão sobre o conceito de escrita e a elaboração de uma estética da produção (p. 165).

Formulando sua metodologia de trabalho, estabelecendo seus conceitos e aprofundando seus princípios, a crítica genética não se confunde com a crítica literária, embora os manuscritos sejam, como se mostra no livro, “*um terreno em que a crítica literária encontra com o que afiar seus instrumentos, experimentar seus conceitos e até criar novos*” (Grésillon, p. 173).

Todos os ensaios afirmam ser a crítica genética estudo do provisório, do “*texto móvel*” (Willemart), reconstituição de procedimentos autorais. Grésillon sublinha que “*A crítica genética não fornece automaticamente parâmetros de literariedade, critérios de avaliação*” (p. 165), como já foi citado. As pesquisas reunidas no volume guardam coerência conceitual e metodológica, eliminando qualquer possibilidade de ambivalência crítica.

Afasta-se dessa compreensão, porém, o organizador da antologia, Roberto Zular, quando, na “Introdução: a pluralidade da escrita”, pondera que:

É preciso não perder de vista a necessidade de estudar autores marginais ou ainda não consagrados e saber em que medida a crítica genética pode ajudar na sua compreensão ou na aquilatação de sua importância (p. 23).

Evidentemente, não cabe questionar a proposta de estudar “*autores marginais*”, conforme os classifica Zular (que, ao fim e ao cabo, quer mesmo apresentar-se “politicamente correta”). Mas, considerando-se a proposta do livro em análise

e sua coerência teórico-metodológica, uma tal proposição de estudo deve estar orientada na perspectiva da crítica genética, voltando-se para os movimentos de criação, para os documentos de processo. Aliás, Willemart, no início de seu ensaio, adverte: “*Precisamos de outros conceitos para entender a constituição da escritura literária e tornar inteligíveis esses processos que estão na origem de qualquer criação*” (p. 73) – e Zular cita Willemart (p. 18-19). Por que, então, pretender conduzir a crítica genética para a preocupação com a *aquilatação da importância* desse ou daquele autor, “*marginal*” (conforme Zular) ou não, quando esse sempre foi e vai continuar sendo o interesse, o papel e o objetivo da crítica literária e até mesmo da história da literatura? Estando seu texto na vanguarda da antologia que apresenta, quer o organizador inovar o estudo dos rascunhos, do provisório, do inacabado, submetendo o prototexto (documentos de processo) a quais critérios de avaliação? Com toda certeza, os documentos privados dos autores ditos “*marginais*” por Zular iluminarão o entendimento de seus procedimentos autorais e contribuirão para o debate acerca da origem de qualquer criação (voltando a lembrar Willemart). É interessante observar que Zular, de qualquer modo, quebra uma certa “ortodoxia” da crítica genética, quando não se limita apenas a querer ser geneticista e contribuir para com a crítica literária, a filologia ou até para com a história da literatura, tal como os outros pretendem; mas parece querer reassumir seu olhar de crítico literário, para ler as rasuras, o provisório, as emendas, as buscas, ao penetrar nos bastidores da criação. O autor deve ter razões teóricas e metodológicas para fazer uma tal reflexão.

Ressalte-se que, relativizando o conceito de texto ou de obra acabada, esta nova corrente de estudo “*quer principalmente ‘mapear’ o percurso da escritura, com suas variantes, rasuras, emendas e toda sorte de modificações que configuram a ‘gênese’ do texto como o espaço onde o escritor testa as muitas*

alternativas que o processo criativo, tanto como experiência pessoal quanto como prática histórica e social da escritura, vai pondo diante de si (p. 9), como diz Roberto Brandão.

O que se apura da leitura de *Criação em processo* é que a crítica genética instaura-se como estética do rascunho, dos bastidores, ou, simplesmente, estética da gênese dos processos criativos. Alia-se às demais disciplinas que estudam manifestações culturais, artísticas e científicas, oferecendo-se como instrumento que pode iluminar a leitura do publicado.